

NO FIO DA BALANÇA

Foi um ano e tanto para uns. Outros, porém, não sentirão saudades. Executivos e empresários brasileiros avaliam 1996

Rio e São Paulo — A mulher de um bilhão de reais vai se despedir do ano mais importante de sua vida em casa com a família. O cenário e as companhias, que guardam semelhanças com o réveillon de outros milhões de brasileiros, contrastam com as realizações de Maria Silvia Bastos Marques neste 1996. Foi neste ano que a executiva deixou a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio para assumir um dos cargos mais importantes da maior empresa privada do país, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Foi neste ano que Silvia engravidou e teve os gêmeos Olavo e Catarina. “Foi um ano e tanto”, reconhece Maria Silvia, que na sexta-feira comemorava a chegada dos 40 anos.

Diretora-superintendente do Centro Corporativo da CSN, a ex-controladora das finanças do Rio assumiu o desafio de mudar toda a estrutura administrativa da empresa. E, em apenas seis meses de trabalho, já deixou sua marca num processo de reestruturação que pretende, como ela diz, “mudar a cabeça de 14 mil funcionários”. A organização clássica do comando da empresa deu lugar a uma estrutura mais ágil, com três diretores-superintendentes à frente de unidades de negócios. Maria Silvia responde pelas áreas financeira, jurídica, recursos humanos, planejamento, comunica-

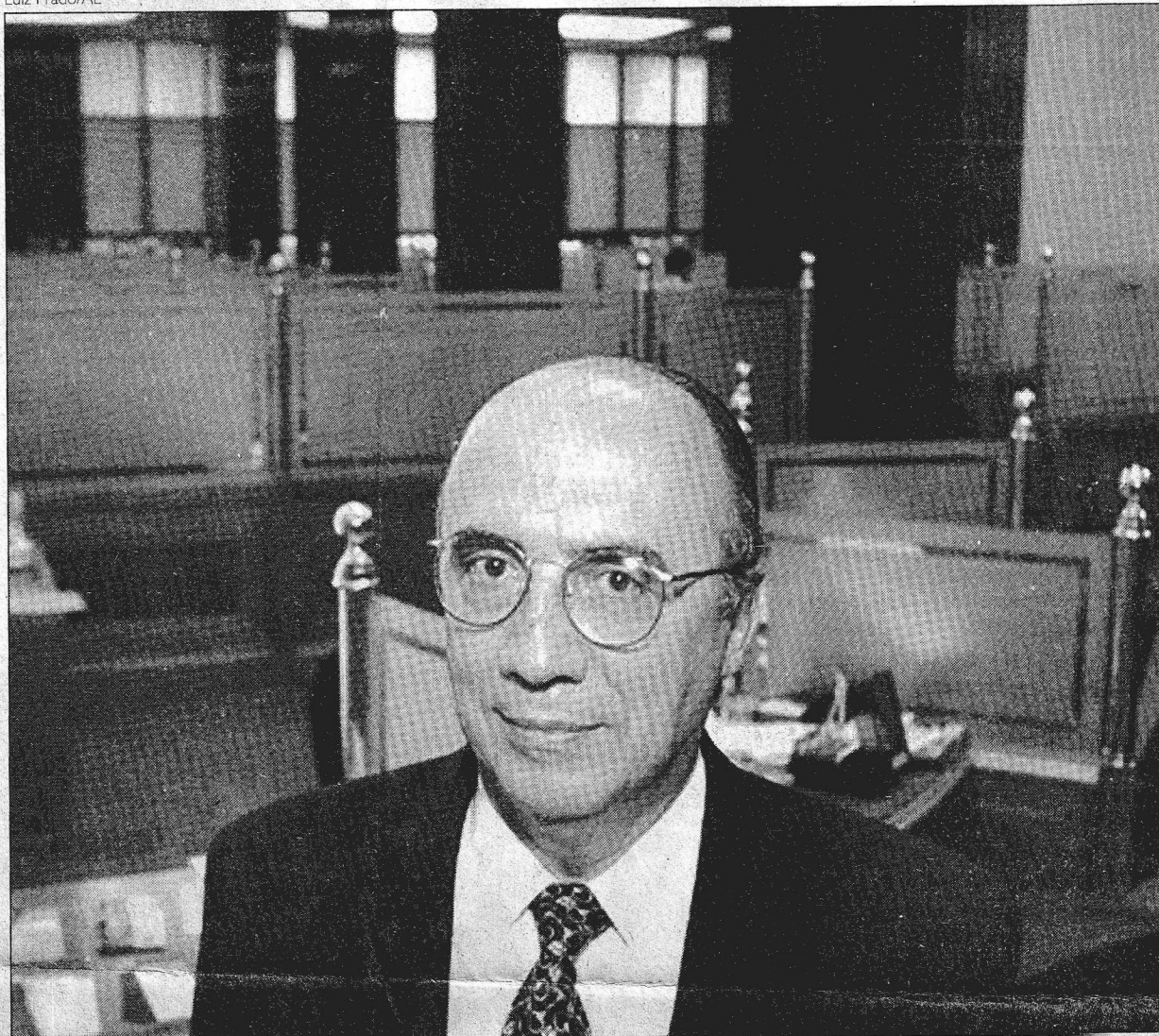
ção social, relações com o mercado e novos negócios.

Ela não é a única entre os brasileiros a se despedir em grande estilo de 1996. Henrique Meirelles, que este ano foi içado ao cargo de presidente mundial do Banco de Boston, também tem bons motivos para brindar. Assim como Jorge Raimundo, o mineiro que se tornou o primeiro executivo latino-americano a integrar o Conselho Consultivo da Glaxo Wellcome, a maior indústria farmacêutica do mundo. Ou o banqueiro Fernão Bracher, presidente do BBA-Creditanstalt, que em julho comprou a financeira Mappin e agora está adquirindo o BCN.

Na noite do dia 31, Bracher não vai fugir à regra de comemorar a passagem de ano com uma taça de champanhe. Ele e seus sócios — entre eles, o ex-Bradesco Antonio Beltran Martinez — fizeram do BBA um dos bancos mais agressivos do mercado e agora se preparam para entrar com mais força no varejo financeiro.

Em 1991, os ativos totais da instituição somavam US\$ 707 milhões. Cinco anos depois, chegam a US\$ 4,8 bilhões. Só no primeiro semestre deste ano, o lucro foi de US\$ 70 milhões. Em meados de 1996, Bracher conseguiu autorização para abrir um escritório em Buenos Aires e pretende fazer o mesmo em Nova York e Londres. “Com a estabiliza-

Luiz Prado/AE



Meirelles é um dos que tem bons motivos para brindar: este ano foi içado ao cargo de presidente mundial do Banco de Boston

ção da economia, tivemos mais tempo para cuidar da expansão do banco”, diz o banqueiro.

PERDAS

Há, porém, quem certamente não sentirá saudades de 1996. Às

turras com os credores, que entraram na Justiça para cobrar R\$ 1 bilhão em dívidas, o empresário Olacyr de Moraes, dono do Grupo Itamarati, perdeu a coroa de rei da soja, teve de vender o seu banco para o BCN e pôs à venda as fazen-

das em Mato Grosso. Nem por isso perdeu a classe. O Natal foi comemorado em São Paulo, mas ele está “quase aceitando” um convite para passar o réveillon em Punta del Leste. “Definitivamente, o ano de 1996 foi o pior da minha vida. Que-

ro esquecê-lo”, diz Olacyr.

O sentimento deve ser compartilhado pelo empresário Daniel Birman, dono do Grupo Arbi, que em 1996 se desfez de várias de suas empresas. E por André de Botton, controlador do Grupo Mesbla, que há dois meses, acuado por uma dívida impagável de quase R\$ 800 milhões, se viu obrigado a transferir o comando da companhia para o Banco Pactual e para o executivo José Paulo Amaral, encarregados pelos três maiores credores de reestruturar a empresa.

De Botton entregou a Mesbla sem receber um tostão e corre o risco de tê-la de volta praticamente falida, se a renegociação das dívidas com os credores não for bem sucedida.

Amaral, que deixou a superintendência da Lojas Americanas para assumir a Mesbla, não pode reclamar deste ano. Afinal, embolsou R\$ 25 milhões ao deixar o antigo emprego e a participação no Banco Garantia, de Jorge Paulo Lemann.

Este, apesar de ainda ser ponto de referência para os grandes bancos de atacado no país, não viu sua estrela brilhar. Seu grupo deve fechar o ano com muito dinheiro, mas os seguidos prejuízos de duas controladas, Americanas e Artex, deram mais preocupação do que alegria.

O presidente do Banco Bozano, Simonsen, Paulo Ferraz, também esperava um réveillon melhor. Apesar de já ter embolsado R\$ 36 milhões pela gestão do Banerj, o Bozano pretendia ganhar mais R\$ 24 milhões, com a participação de 5% na venda do banco. Mas a privatização ficou mesmo para o Ano Novo.